

## **Do letramento racial à seleção para o doutorado: como cheguei até aqui para estudar sobre *podcasts* e antirracismo<sup>1</sup>**

Rose Mendes da SILVA<sup>2</sup>  
Andréa Pereira dos SANTOS<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### **RESUMO**

Apresenta-se um resumo sobre o processo do letramento racial da autora da pesquisa em andamento, cuja proposta é analisar o uso do *podcast*, no Brasil, sob a lente do antirracismo, elencando-o como canal informacional. Com a pesquisa pretende-se contribuir no sentido de ampliar o leque de discussões no âmbito da Comunicação e da Ciência da Informação, trazendo autoras/es que trabalham com as múltiplas formas de comunicação da contemporaneidade, como o *podcast*, e também com as variadas formas de letramento, entre eles o ‘info-racial’.

**PALAVRAS-CHAVE:** letramento racial; antirracismo; *podcast*.

### **INTRODUÇÃO**

Assim, como deve ocorrer com muitas outras pessoas negras brasileiras, não tive letramento racial no seio familiar. Ele veio com o tempo, as vivências e as violências. Na infância meu cabelo, que é crespo e volumoso, estava sempre preso; liso, por conta dos bobs, e preso. Já no início da adolescência fui levada a alisá-lo com química sob a desculpa de que facilitaria para cuidar; quase fiquei careca por conta de um produto usado em um salão.

Sou uma negra parda, segundo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Brum, 2022), mas tenho características do povo preto bem visíveis, como o nariz, a boca e o cabelo. Usar química para ‘domar’ o cabelo amenizou algumas situações, mas não me poupou do racismo. Principalmente na adolescência, quando eu pegava muito sol e minha pele, naturalmente mais clara, rapidamente escurecia uns dois tons, deixando-me mais ‘visivelmente negra’, digamos.

Lembro-me nitidamente de duas situações em que fui agredida fisicamente, na adolescência, aparentemente sem motivo. Aparentemente, pois hoje, já mais consciente do racismo que permeia a vida das pessoas negras, mesmo que em graus diferentes,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Negro, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Doutoranda no PPGCOM-UFG, e-mail: [rosemendes99@ufg.br](mailto:rosemendes99@ufg.br).

<sup>3</sup> Docente no PPGCOM-UFG e orientadora da pesquisa, e-mail: [andreabiblio@ufg.br](mailto:andreabiblio@ufg.br).

entendo que foram manifestações racistas. Nas duas situações eu estava incomodando de alguma forma, possivelmente pela presença do meu corpo negro nos lugares.

Naqueles idos – final da década de 1980, eu era apenas ‘a neguinha que se acha; dona de si’, sem ter consciência do que fazia. E, por ser uma negra de pele clara, por muitas vezes fui ‘aceita’, principalmente quando usava o cabelo ‘domado’. Outro caso que me marcou bastante ocorreu em 1994, em um antigo bar em uma região nobre de Goiânia. Local lotado, eu, sozinha à mesa, aguardando minha colega de trabalho voltar do banheiro, ouvi um rapaz dizer ao outro olhando para mim: “A escravidão acabou né. Que pena”.

Em 2006, quando passei a usar meu cabelo totalmente natural, fui alvo de olhares enviesados em vários lugares. No entanto, agora, consciente de quem sou e de onde vim, empinei mais ainda o nariz. Não sofri mais agressões físicas. Mas os ataques velados e os sussurrados não cessaram. Acontece que eu não vim ao mundo a passeio. Eu só demorei a ter consciência disso.

Meu processo de letramento racial veio a público quando passei a usar o cabelo na forma natural, motivada pela ideia de que, ao ter um/uma filho/filha, gostaria de dar o exemplo de pessoa negra consciente de si. Minha filha é uma criança negra bem consciente de quem é, bastante observadora e questionadora também. Este processo também me levou a entrar para o grupo de heteroidentificação da Universidade Federal de Goiás (UFG) durante a pandemia de covid-19.

Em 2020 fui convidada a contribuir nas lives do IPA Mulher – um canal no Facebook criado para dar vez e voz a mulheres negras – atuando como um tipo de curadora, inicialmente, depois como apresentadora. Com esta experiência fortaleci ainda mais minha autoconsciência como pessoa negra, o que me levou a cursar, em 2022, uma disciplina *on-line* na Universidade Federal do Cariri (CE), intitulada Dinâmica das Relações Raciais na Área da Informação.

E assim cheguei ao tema da minha pesquisa, cuja proposta é analisar como o uso do *podcast* pode auxiliar na ampliação do alcance das vozes negras, na produção e disseminação de pautas ligadas ao antirracismo, atuando como canal informacional para o letramento racial no que se refere às demandas ligadas às relações raciais no Brasil. Parto da hipótese de que as pessoas *podcasters*/produtoras/apresentadoras percebem que há espaço para que o formato *podcast* seja uma fonte informacional na luta antirracista e

de fato contribua para o letramento informacional e racial no Brasil – que eu denomino letramento ‘info-racial’, mas nem sempre agem com esta consciência ao produzir e realizar os episódios.

Considerando que os padrões de letramento informacional são “um conjunto de habilidades para que os indivíduos sejam capazes de reconhecer uma necessidade de informação, localizar e avaliar as fontes confiáveis e transformar essa informação em um novo conhecimento” (Chartier; Santos; Dumont, 2022, p. 59-61), uma possibilidade vislumbrada para a pesquisa em andamento é a de que o letramento racial pode ocorrer em conjunto com o letramento informacional, via *podcasts*, nos públicos que são atingidos pelos episódios que abordam temáticas importantes para o movimento negro.

O conceito de letramento racial foi utilizado pela primeira vez pela socióloga afro-americana France Winddance Twine. No Brasil o *racial literacy* foi traduzido para letramento racial pela psicóloga Lia Vainer Schucman (Letramento [...], 2022). Conforme a definição de France Twine, *racial literacy* é “um conjunto de práticas que pode ser melhor caracterizado como uma ‘prática de leitura’ – uma forma de perceber e responder individualmente às tensões das hierarquias raciais da estrutura social” (Schucman, 2022, p. 181). Para a pesquisadora afro-americana, “Esta prática inclui: (1) um reconhecimento do valor simbólico e material da branquitude; (2) a definição do racismo como um problema social atual, em vez de um legado histórico; (3) um entendimento de que as identidades raciais são aprendidas e um resultado de práticas sociais; [...]”, entre outras condições (Schucman, 2022, p. 182).

Com a pesquisa pretendo compreender o *podcast* como uma ferramenta que possibilita ampliar o alcance das vozes negras, bem como auxilia na produção e disseminação de pautas ligadas ao antirracismo. Além de explorar as relações conceituais entre raça, *podcast*, mídia e informação no cenário brasileiro, observando as diferenças referentes à sua produção entre as regiões do País. Para tanto, estou levantando os *podcasts* produzidos no Brasil para e/ou por pessoas negras e classificando-os por região. O próximo passo será selecionar um *podcast* de cada região brasileira, que esteja ativo, para ser analisado. Posteriormente serão realizadas entrevistas com a pessoa produtora de cada um dos *podcasts* selecionados visando verificar como desempenham suas atividades para ampliar as vozes negras e dar visibilidade às pautas que envolvem a população negra.

Esta é uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa em que se pretende usar a análise de conteúdo como método, a partir de Bardin (2009). O recorte para a pesquisa envolve os *podcasts* que abordam a temática racial, remetendo ao objetivo principal. O *corpus*, ou seja, o material a ser analisado, são os episódios dos *podcasts* selecionados, do qual será retirada a amostra para as análises. Para a coleta de dados, além do levantamento e seleção dos *podcasts*, pretende-se realizar entrevistas semiestruturadas com as pessoas *podcasters*/produtoras/apresentadoras e a análise dos conteúdos dos *podcasts* selecionados.

Entendo que o *podcast* pode ser tanto um meio de comunicação para dar visibilidade à produção intelectual da população negra quanto pode e deve ser aproveitado nos mais diversos ambientes, como “uma fonte de informação que pode ser utilizada em formações, como material pedagógico de produção e disseminação de informações étnico-raciais”, como ressaltam Silva e Ferreira (2019, p. 111). Logo, o *podcast* pode/deve ser utilizado como mais um instrumento para a educação antirracista, no sentido do letramento racial, considerado o ponto de partida de uma educação antirracista.

A pesquisa está na fronteira entre os campos da Comunicação e da Ciência da Informação, pois envolve temáticas que podem ser estudadas a partir de ambos. Assim, o aporte teórico que a embasa traz autores e estudos de ambos os campos, sem hierarquizá-los; parto do princípio de que estes dois campos são complementares e se retroalimentam. Na tese serão trabalhados, como conceitos principais: racismo, antirracismo, letramentos racial e informacional, *podcast* como meio de comunicação e como fonte informacional.

A proposta é fazer uma contextualização do racismo no Brasil partindo da ‘libertação’ dos escravizados até os dias atuais, buscando apresentar a forma como ocorreu essa libertação, entre aspas, de forma crítica, a partir de autores/as como: Almeida (2019), Bento (2022), Carneiro (2011) e outros. Para os letramentos pretende-se apresentar conceitos gerais, bem como definir qual conceito/abordagem será utilizado/a na tese tendo, como base, os/as autores/as Campello (2003), Gasque (2012), Rojo e Barbosa (2015), Rojo e Moura (2019) e outros.

Quanto aos *podcasts*, a ideia é apresentar a origem, o desenvolvimento e a disseminação do formato no Brasil como meio de comunicação não vinculado à grande mídia, bem como suas possibilidades e seus usos conforme trabalhos identificados nos levantamentos bibliográficos realizados para o estado da arte, destacando estudos que se

aproximam do que aqui se propõe – como a pesquisa de Vrikki e Malik (2019). Entre os/as autores/as base estão: Ferrareto (2014) e Luiz (2014). Em complementação, serão conceituadas as fontes informacionais a partir de Cunha (2010) e Le Coadic (2004).

Com este estudo pretendo contribuir no sentido de ampliar o leque de discussões no âmbito da Comunicação e da Ciência da Informação, trazendo autoras/es que trabalham com as múltiplas formas de comunicação da contemporaneidade, como o *podcast*, e também com as variadas formas de letramento, entre eles o ‘info-racial’.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019. (Série Feminismos Plurais).
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRUM, Gabriel. Censo 2022: entenda como declarar a sua raça. **Agência Brasil**, Brasília, 23 set. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2022-09/censo-2022-entenda-como-declarar-sua-raca#:~:text=Para%20o%20IBGE%20a%20regra,africanos%20e%20brancos%20dos%20europeus>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/986/1028>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CHARTIER, Roger; SANTOS, Andréa Pereira dos; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Competências informacional e leitora. In: CHARTIER, Roger; SANTOS, Andréa Pereira dos; DUMONT, Lígia Maria Moreira. **Livro, mundo digital e leituras: práticas e apropriações**. Goiânia: Editora UFG, 2022. p. 55-66.
- CUNHA, Murilo Bastos da. **Manual de fontes de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2010.
- FERRARETO, Luiz. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.
- GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2012. *E-book*. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13025>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. São Paulo: Briquet Lemos, 2004.

LETRAMENTO racial: saiba o que é e como promover na escola. **Super Autor**, [Rio de Janeiro], 7 abr. 2022. Disponível em: <https://superautor.com.br/letramento-racial/>. Acesso em: 20 maio 2023.

LUIZ, Lucio (org.). **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu (RJ): Marsupial Editora, 2014.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. (Estratégias de ensino, 51).

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019. (Linguagens e tecnologia, 7).

SCHUCMAN, Lia Vainer. O branco e a branquitude: letramento racial e formas de desconstrução do racismo. **Portuguese Literary & Cultural Studies**, Dartmouth, n. 34/35, p. 171-189, 2022. Disponível em: [https://ojs.lib.umassd.edu/index.php/plcs/article/view/PLCS34\\_35\\_Schucman\\_page171/1333](https://ojs.lib.umassd.edu/index.php/plcs/article/view/PLCS34_35_Schucman_page171/1333). Acesso em: 18 dez. 2023.

SILVA, Dávila Maria Feitosa da; FERREIRA, Rodolfo Gabriel Santana. O uso do podcast na disseminação de informações étnico-raciais. **Folha de Rosto: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Cariri (CE), v. 5, n. esp., p. 109-117, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/463/409>. Acesso em: 15 dez. 2022.

VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita. Voicing lived-experience and anti-racism: podcasting as a space at the margins for subaltern counterpublics. **Popular Communication**, [s. l.], v. 17, n. 4, p. 273-287, 2019. DOI 10.1080/15405702.2019.1622116. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/15405702.2019.1622116?needAccess=true&role=button>. Acesso em: 20 maio 2023.